



2

O NEOLÍTICO EM PORTUGAL ANTES DO HORIZONTE 2020: PERSPECTIVAS EM DEBATE

Coordenação de Mariana Diniz, César Neves e Andrea Martins

Título

Monografias AAP

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins

Design gráfico

Flatland Design

Fotografia de capa: Vaso do Cartaxto (Museu do Carmo – AAP)

José Morais Arnaud

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

300 exemplares

ISBN

978-972-9451-59-1

Depósito legal

396123/15

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos publicados neste volume são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud
- 7 Apresentação
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 9 Antes do afagar a terra: quando o território era então mesolítico
Ana Cristina Araújo
- 25 Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: os contributos de um percurso pessoal
João Luís Cardoso
- 51 The velocity of *Ovis* in prehistoric times: the sheep bones from Early Neolithic Lameiras, Sintra, Portugal
Simon J. M. Davis, Teresa Simões
- 67 Percursos e perceções pessoais no estudo do neolítico, 1992-2016
António Faustino Carvalho
- 79 Palácio dos Lumiares e Encosta de Sant'Ana: análise traceológica. Resultados preliminares
Ângela Guilherme Ferreira
- 87 Zooarqueologia do Neolítico do Sul de Portugal: passado, presente e futuros
Maria João Valente
- 109 O Neolítico no Alentejo: novas reflexões
Leonor Rocha
- 119 Hidráulica na Pré-História? Os fossos enquanto estruturas de condução e drenagem de águas:
o caso do sistema de fosso duplo do recinto do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo, Beja)
Filipa Rodrigues
- 131 Sociedades Neolíticas e Comunidades Científicas: questões aos trajectos da História
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins

O NEOLÍTICO NO ALENTEJO: NOVAS REFLEXÕES

Leonor Rocha

Docente/Investigadora, Escola Ciências Sociais – CHAIA, Universidade Évora / Irocha@uevora.pt

Resumo

Os trabalhos realizados nas últimas décadas no Alentejo, enquadrados na investigação que a signatária tem vindo a desenvolver sobre a Pré-história Recente, têm por objetivo estudar a génese e evolução das primeiras sociedades camponesas, numa perspetiva integrada, que considera, em termos gerais, todas as componentes da vida e da morte destas sociedades, através da realização de intervenções arqueológicas e de prospeções arqueológicas.

Os resultados obtidos com estes trabalhos permitem-nos realizar um primeiro balanço sobre a sua evolução(ões), no Alentejo Central.

Palavras-chave: Neolítico, Alentejo central, Sítios arqueológicos.

Abstract

The work carried out in recent decades in Alentejo, inserted in the investigation that the signatory has developed on the Recent Prehistory, aim to study the genesis and evolution of the first peasant societies, an integrated perspective that considers, in general terms, all components of the life and death of these companies, by conducting archaeological excavations and archaeological surveys.

The results of this work allow us to conduct a first assessment of its evolution (s), in Central Alentejo.

Keywords: Neolithic, Central Alentejo, Archaeological sites.

1. O NEOLÍTICO: ANTECEDENTES

Os dados atualmente disponíveis sobre os contextos neolíticos no Alentejo (povoamento e mundo funerário) têm vindo a ser substancialmente ampliados, nas últimas décadas, devido a projetos de investigação (prospecções e escavações) mais ou menos específicos (Diniz, 2004; Calado, 2001, 2005; Calado, Rocha e Alvim, 2012; Rocha, 1997, 2005; Rocha, Santos e Branco, 2013) beneficiando, igualmente, dos inúmeros trabalhos realizados no âmbito de projetos de minimização de impactes, nomeadamente os do empreendimento do Alqueva, empreendimentos turísticos e estruturas lineares que permitiram perceber, em boa parte, o polimorfismo deste fenómeno.

Na realidade, apesar da grande riqueza arqueológica desta região ter sido percepcionada há muito tempo, pela diversidade de monumentos megalíticos funerários e não funerários, pela identificação de alguns povoados emblemáticos, que foram sendo estudados e publicados de forma mais ou menos avulsa, só a obrigatoriedade legal dos estudos de impacto ambiental integrarem a componente patrimonial permitiu alterar (se não mesmo revolucionar) o conhecimento existente, até então dado como “consolidado”.

No que concerne aos contextos megalíticos funerários, as mais antigas referências conhecidas parecem recuar a documentos do séc. XV, mencionados por Gabriel Pereira (Pereira, 1887: 35) num dos seus trabalhos. Logo no século seguinte também Frei Martinho de S. Paulo teria escrito uma carta a manifestar o seu desagrado pela destruição de duas antas nos terrenos do convento da Serra d'Ossa (Fabião, 1999). Nos inquéritos mandados realizar por D. João V a todas as paróquias do reino e apesar do tipo de resposta dado não ser uniforme, vários párocos referem a existência de antas, nas respetivas áreas territoriais. A partir dos finais do século XIX, começam a surgir notícias da identificação de monumentos megalíticos um pouco por todo o Alentejo (Severim de Faria apud Vasconcelos, 1914; Pereira, 1891; Possidónio da Silva, 1890).

Investigadores como Leite de Vasconcellos, Nery Delgado, Carlos Ribeiro, Gabriel Pereira, Emile Cartailhac, Mattos Silva, Filipe Simões, entre outros, foram os responsáveis por uma série de intervenções, em monumentos megalíticos alentejanos, realizadas entre os finais do séc. XIX e os inícios do séc. XX, de forma avulsa e aleatória mas que permitiram coligir os primeiros dados “científicos”.

Os primeiros trabalhos de carácter mais sistemático iniciaram-se a partir da segunda década do séc. XX, com Vergílio Correia e prosseguiram depois com Manuel Heleno e o casal Leisner (Correia, 1921, Leisner e Leisner, 1956, 1959, 1965; Rocha, 2005). A partir dos anos oitenta a situação foi substancialmente melhorada com o aparecimento de vários projetos de investigação que permitiram ampliar consideravelmente o conhecimento existente, com abordagens mais integradas numa escala regional.

Em termos de povoamento, a situação foi bastante similar, com intervenções casuísticas e descobertas, maioritariamente acidentais ou por informação oral, a manterem-se até à segunda metade do século XX. Esta lacuna na investigação deve-se, naturalmente, à importância dada à prospecção arqueológica que, durante muito tempo, não ultrapassava o estágio de mera “excursão arqueológica”, largamente documentada nas revistas portuguesas dos finais do séc. XIX e séc. XX, como, por exemplo, o *“O Archeologo Português”*, onde Leite de Vasconcelos publicou uma série de pequenos artigos intitulados *“Notícias archeologicas de...”* ou *“Excursão arqueológica a...”* em que regista sítios e objectos arqueológicos.

O aparecimento das primeiras Cartas Arqueológicas na década de 40 do séc. XX (Paço, 1953) vem minimizar esta lacuna e são, a partir dos anos 90 do mesmo século, os principais veículos na identificação de sítios de povoamento. De fato, não obstante a existência nas últimas décadas de projetos de investigação específicos e de trabalhos no âmbito de projectos submetidos a avaliação de impacto ambiental, o trabalho de avaliação recentemente realizado por Gertrudes Branco (Branco, 2014) permitiu verificar que os trabalhos de prospecção ar-

queológica realizados no âmbito de cartas arqueológicas concelhias continuam a ser os responsáveis pela esmagadora maioria dos sítios identificados e registados na base de dados Endovélico.

2. SÍTIOS: IMPLANTAÇÕES, PRESERVAÇÃO E DIAGNÓSTICO

Como se referiu anteriormente, o estado actual dos conhecimentos sobre o Neolítico no Alentejo beneficiou, nos últimos anos, de um conjunto de prospecções e escavações, que permitiram perceber, em boa parte, o polimorfismo deste fenómeno. A importância destes dados advém do facto de se tratar de dados estratigráficos controlados que permitem, na maior parte dos casos, reconstituir as sequências de formação e de ocupação dos espaços.

A questão da existência (ou não) de um Neolítico antigo no Alentejo suscitou, durante muito tempo, diferentes posições. Na verdade, esta questão foi colocada por Manuel Heleno, que defendia a sua existência, com base nos espólios encontrados nos monumentos funerários de pequena dimensão identificados nas áreas de penetração direta, a partir dos concheiros do Tejo.

A identificação de um Neolítico antigo no Escoural (Santos, 1964; 1971; Santos *et al.*, 1991; Araújo *et al.*, 1993; Araújo *et al.*, 1995) viria também a confirmar, de forma inequívoca, pela primeira vez na região, a existência de cerâmica impressa (incluindo cardial), genericamente análoga àquela que se conhecia, desde o século XIX, no litoral (Delgado, 1867; Rocha, 1897). Contudo, como o aparecimento de um sítio não significa, *per si*, a existência de uma comunidade neolítica permanente no interior alentejano, nas décadas subsequentes continuou a considerar-se este sítio como um caso isolado, pensando-se que a neolitização do Alentejo interior correspondia a uma fase mais tardia, baseados nos monumentos megalíticos funerários e na presença de cerâmicas lisas (Zilhão, 1992). Contudo, os resultados obtidos com os trabalhos de prospecção e escavação realizados a partir da última década do séc. XX, permitiram esclarecer de forma definitiva a

questão do Neolítico antigo, no Alentejo. De entre os resultados desses trabalhos, assinala-se a descoberta de inúmeros sítios neolíticos em torno de Évora (Calado, 2002, 2004), a escavação de povoados do Neolítico antigo, como a Valada do Mato e Patalim (Évora) (Diniz, 2003), a identificação de vestígios de habitat sob as estruturas tumulares de monumentos megalíticos, como as sepulturas das Hortinhas (Évora) (Rocha, 2015) ou das antas 1 e 2 da Torrejona (Portel) (Antunes *et al.*, 2003: 237, 241-242) ou, ainda, as várias intervenções realizadas no âmbito de projetos de avaliação (Baptista e Gomes, 2013; Diniz, 2013; Neves *et al.*, 2013; Valera, 2013) e valorização patrimonial e ambiental (Oliveira, 2006).

Neste contexto, o caso do Empreendimento do Alqueva tem sido, a nível do Alentejo, bastante pedagógico, quer para a fase de obra da barragem, quer para a fase de construção da rede secundária. Em relação a esta última, cujos trabalhos de EIA se têm vindo a realizar no decurso dos últimos anos, com metodologias mais adequadas e maior controlo a nível do processo de AIA, tem-se verificado que nalgumas áreas, consideradas até agora como “vazias” do ponto de vista arqueológico, os sítios se encontravam ocultos, não por processos pós - deposicionais, mas porque se tratava de estruturas negativas, sem evidências à superfície. Naturalmente que este tipo de sítios não foram identificados, nem sequer se equacionou a possibilidade de existirem, porque não havia um conhecimento anterior.

Interessante, sem dúvida, para além de outros aspectos, é o facto de estes trabalhos virem apenas confirmar o que se perspectivava há várias décadas, em termos artefactuais e de implantações preferenciais para o Neolítico, com nítidas diferenças entre o litoral e o interior.

Em termos geológicos e paisagísticos, o Alentejo apresenta uma grande diversidade. No lado Oeste, junto ao litoral e estuários dos rios temos terrenos da bacia sedimentar (areias) com uma paisagem mais monótona, de relevo mais aplanado, atualmente com algum montado aberto, pinheiros e eucaliptos e alguma vegetação arbustiva e rasteira. Nesta área a visibilidade dos solos é reduzida a nula

devido à presença do mato rasteiro e arbustivo, por vezes com grandes acumulações de restos vegetais (folhas). A identificação e conservação dos sítios arqueológicos estão ainda condicionadas pelos processos de movimentação das areias (dunas litorais e interiores) que depende da relação vegetação/vento/tamanho do grão das areias (Jonhson, 1965) e da erosão costeira responsáveis ou pelo encobrimento de sítios ou sua total destruição.

No lado Este temos um relevo ligeiramente mais ondulado, com mais linhas de água e declives (sobretudo junto às ribeiras) com a presença de afloramentos rochosos. Apesar de existirem pequenos esporões e/ou cabeços suaves a permanência de abundante pasto e terras em pousio não permite uma boa visualização dos solos.

2.1. O litoral

Os trabalhos realizados nos últimos anos no âmbito de projetos vocacionados para a identificação de sítios da Pré-história Recente na área da Arrábida¹ e do Sado² permitiram registar um número significativo de novos sítios arqueológicos.

A área do litoral apresenta um interessante padrão de dispersão do povoamento que, regra geral, se concentra em torno do litoral e dos vales fluviais, em terrenos arenosos. Implantam-se preferencialmente nas encostas suaves e pequenos esporões junto das linhas de água ou, ainda, nas bermas de plataformas alongadas, nos vales dos rios. Neste caso, o controle visual de e para o rio, parece ter sido um dos critérios para o seu estabelecimento.

¹ PNTAS: "Ocupações da Pré-História [recente] da Arrábida" coordenado por L. Rocha e R. Fernandes; "Estudo do povoamento da Serra da Arrábida e área envolvente: contributo para o seu conhecimento na pré e proto-história" coordenado por L. Rocha, R. Fernandes e P. Alvim.

² PNTAS: "Retorno ao Sado: um caso entre os últimos caçadores-recolectores e a emergência das sociedades agropastoris no sul de Portugal", coordenado por M. Diniz; "Os últimos caçadores recolectores e os primeiros agropastoris no vale do Sado: estudo arqueológico num contexto regional", coordenado por M. Diniz e P. Arias Cabal.



Figura 1 – Malhada Alta (Comporta).



Figura 2 – Ribeira da Sachola 3 (Sesimbra).

Note-se, porém, que em alguns casos, a sua atribuição cronológica pode ser difícil dada a escassez de materiais à superfície. Na realidade, apesar de existir uma [estranha] ausência de cerâmicas (que continuam a ser decisivas para a atribuição de cronologias...) ocorre uma relativa abundância de material lítico à superfície (sobretudo seixos talhados), o que torna difícil a avaliação e complexifica a interpretação do povoamento neolítico destas áreas (AAVV, 2009; Fernandes, 2011; Reis, 2013). Acresce ainda o problema da relação Mesolítico/Neolítico e da eventual longa diacronia da ocupação de alguns locais de habitat e de necrópole.

Em traços gerais, o povoamento do litoral até ao Neolítico final surge em áreas abertas, com ocupações mais ou menos extensas, próximos do litoral, vales fluviais ou ambientes lacustres, que lhes asseguravam acesso a recursos alimentares permanentemente.

2.2. O interior

O interior, por seu lado, apresenta uma distribuição mais peculiar, parecendo os afloramentos graníticos constituir-se como pólos estruturantes do povoamento. Tudo indica que os povoados atribuíveis à fase mais antiga do Neolítico, com base nas escavações realizadas em alguns sítios (Diniz, 2003; Gonçalves, 2002b; Oliveira, 2006), e nos dados disponibilizados pelas prospecções realizadas (Calado, 2002, 2004; Calado, Rocha e Alvim, 2012; Oliveira, 2006; Rocha, Santos e Branco, 2013; Morgado e Rocha, 2013) reproduzem a mesma estratégia de implantação, em torno de grandes afloramentos, alguns dos quais apresentam, inclusive, formas bastante sugestivas (antropomórficas ou zoomórficas), mas sem defensabilidade natural.



Figura 3 – Monte do Olival 1 (Arraiolos).



Figura 4 – Pastaneira (Monforte).

Esta peculiaridade, que se estende por todo o Alentejo, sugere um determinismo intencional por parte destas populações motivada ou por questões de

segurança ou por motivos de caráter simbólico. Resta, em todo o caso, dois elementos comuns com o litoral: a procura de solos mais leves e a proximidade de cursos de água.

Os dados obtidos através de intervenções, mais ou menos extensivas, permitiram ainda identificar estruturas (de lareira, empedrados, buracos de poste, fornos e silos) associados a materiais inequivocamente do Neolítico antigo/médio (cerâmicas impressas e indústria lítica micro-laminar) (Alvim, 2012; Calado, 2012; Diniz, 2003; Gonçalves, 2002b; Oliveira, 2006). De realçar que, mais uma vez, as cerâmicas são normalmente escassas quando comparadas com a indústria lítica (Gonçalves, 2002b; Oliveira, 2006), com exceção do povoado da Valada do Mato (Diniz, 2003).



Figura 5 – Estrutura (silo) do povoado da Barroca 1 (Mora).



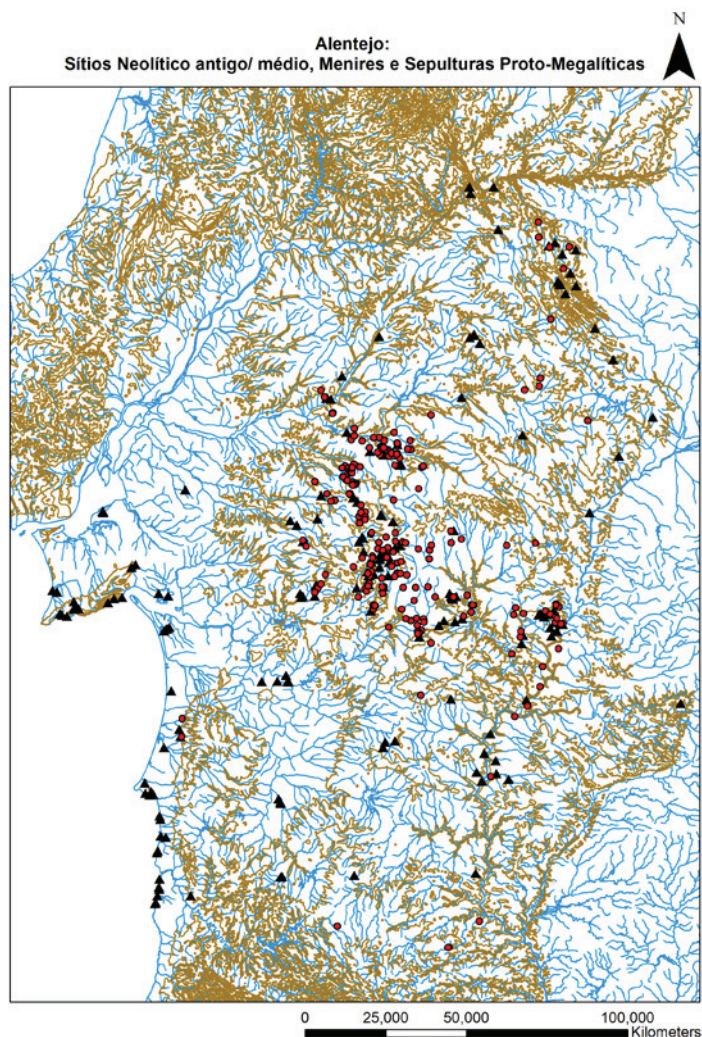
Figura 6 – Estrutura (lareira ?) do povoado da Barroca 1 (Mora).

Por outro lado, este tipo de povoamento encontra-se intimamente associado a áreas onde existem os monumentos megalíticos aparentemente mais anti-

gos (menires e/ou pequenas sepulturas individuais ou monofamiliares). A relação cronológica entre estes dois tipos de monumentos continua em aberto devido, por um lado, à insuficiência de datações absolutas e, por outro, ao aparecimento de monumentos funerários com arte considerada apenas menírica (Bueno Ramírez *et al.*, 2015).

3. REFLEXÕES FINAIS

A análise dos dados até agora coligidos no Alentejo (litoral e interior) parece indicar que existem alguns padrões comuns, como seja a procura de solos leves e de áreas com abundância de água doce – rios, ribeiras e fontes – no decurso do Neolítico (Mapa 1).



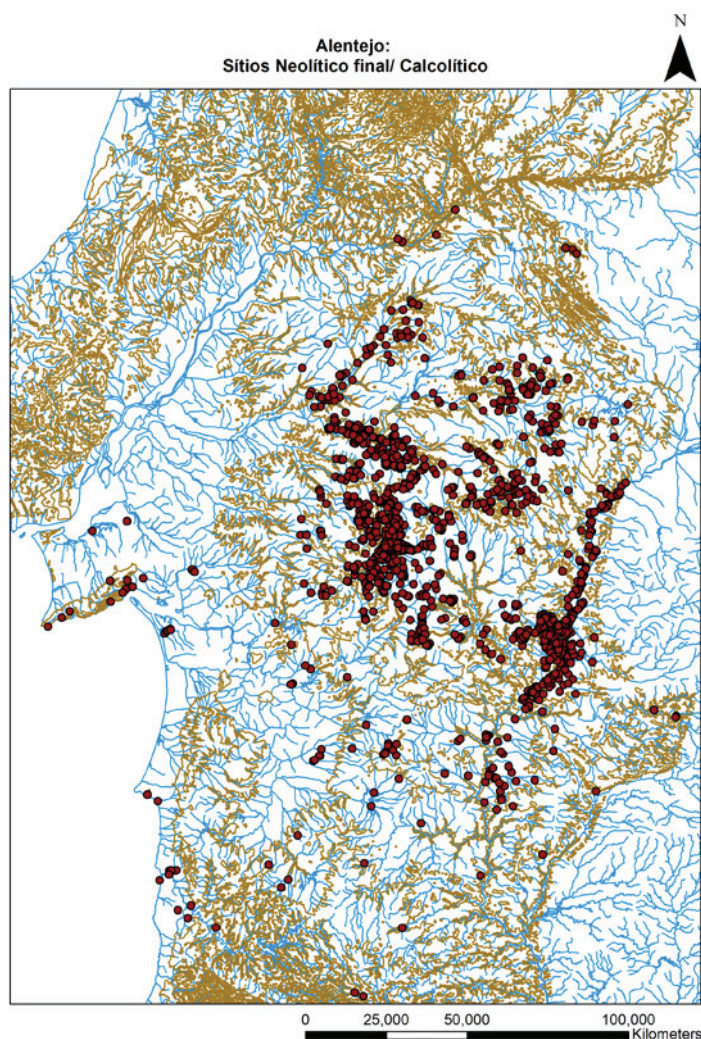
Mapa 1 – Povoamento Neolítico antigo/médio (triângulos) e megalitismo (círculos)

Parece-me no entanto que, em termos gerais, e não obstante os avanços que se têm vindo a realizar nos últimos anos em termos de conhecimento de novos sítios (mais escavações e novos métodos de análise aos materiais recolhidos), a arqueologia portuguesa ainda não se conseguiu desligar nem

do “fóssil diretor” nem do “pacote neolítico”. A presença ou ausência de determinado tipo de artefacto (cerâmica decorada / pedra polida / geométricos...) continua a ser determinante para a cronologia de um sítio. Mas...os dados existentes apontam não para uma evolução [em bloco] mas sim para

várias evoluções, umas mais rápidas, outras mais lentas, com a provável coexistência de grupos em diferentes “estádios evolutivos” no mesmo espaço geográfico. O processo de transformação e mudança das sociedades de caçadores recolectores para as primeiras sociedades camponesas ter-se-á assim prolongado durante um longo período de tempo,

até ao que consideramos como Neolítico final. Com efeito apenas o aparecimento dos povoados fortificados, ou de fossos, parece marcar o início de uma ocupação generalizada do território, com todos os grupos a partilharem o mesmo tipo de estratégias económicas (Mapa 2).



Mapa 2 – Povoamento Neolítico final / calcolítico.

Restam ainda, por ora, muitos problemas em aberto, como seja 1) a questão da relação da transição Mesolítico/Neolítico; 2) a relação cronológica dentro do megalitismo (funerário e não funerário); 3) a compreensão do povoamento neolítico no interior.

Como referi anteriormente, o modelo que me-

lhor parece ajustar-se aos dados disponíveis assenta numa evolução não linear em que diferentes grupos/comunidades coexistiram no mesmo espaço, mantendo tradições antigas. A presença de materiais pouco “tipificados” ou enquadrados em padrões estanques parece corroborar esta teoria.

BIBLIOGRAFIA

AAVV (2009) – *O Tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.

ALVIM, Pedro (2012) – Chaminé. O povoamento neolítico na curva do rio. *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. (coord. Calado, Rocha e Alvim). Mora: Câmara Municipal de Mora, p. 112-113.

ALVIM, Pedro; ROCHA, Leonor (2011) – Os menires do Alto da Cruz: novos dados e algumas reflexões sobre o Megalitismo da área de Brotas (Mora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol.14. Lisboa: IGESPAR, p. 41-55.

ARNAUD, José Morais (1982) – Le neolithique ancien et le processus de neolithisation au Portugal. Le neolithique ancien méditerranéen. *Archéologie du Languedoc*. (Actas du Colloque International de Montpellier - 1981). n.º spécial. Montpellier, p. 29-48.

ARNAUD, José Morais (1983) – O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular. *Arqueologia*. Porto: GEAP, 6, p. 48-63.

BAPTISTA, Lúcia; GOMES, Sérgio (2013) – Sítios da Pré-História Recente da ribeira do Enxoé (Serpa) Apontamentos acerca da variabilidade das estruturas em negativo. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds., *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 351-359.

BUENO-RAMÍREZ, Primitiva; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo; ROCHA, Leonor; OLIVEIRA, Jorge (2015) – Anthropomorphic image as origins of ancestor's "Caves". The stele – menhir of Anta do Telhal, Arraiolos, Évora, Portugal. *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials*. ROCHA, Leonor; BUENO-RAMÍREZ, Primitiva and BRANCO, Gertrudes, eds. - BAR International Series 2708, p. 83-94.

CALADO, Manuel (2001a) – Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional. *Trabalhos de Arqueologia*, 19. Lisboa: IPA.

CALADO, Manuel (2004b) – *Menires do Alentejo Central. Gênese e evolução da paisagem megalítica regional*. Lisboa: FLL. (Tese de Doutoramento policopiada).

CALADO, Manuel (2012) – Barroca: Neolítico e ou Mesolítico. *O Tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora* (Coord. Calado, Rocha e Alvim). Mora: Câmara Municipal de Mora, p. 110-111.

CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor (2007b) – As primeiras sociedades campesinas no Alentejo Central: a evolução do povoamento. Actas de las Jornadas de Arqueologia del Museo de Cáceres. *Memorias*. 6. Junta da Extremadura / Consejería de Cultura y Turismo: Museo de Cáceres, p.29-46.

CALADO, Manuel; ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro – Coord. (2012) – *O tempo das Pedras. Carta Arqueológica de Mora*. Mora: Câmara Municipal de Mora.

CARVALHO, António Faustino (2008) – *A neolitização do Portugal meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve ocidental*. Faro: Universidade do Algarve (Tese de Doutoramento policopiada).

CORREIA, Virgílio (1921) – *El Neolítico de Pavia*. Madrid: Museo Nacional de Ciencias Naturales.

DINIZ, Mariana (2003) – *O sítio da Valada do Mato (Évora). Aspectos da neolitização no interior Sul de Portugal*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. (policopiado).

DINIZ, Mariana (2013) – Fossas, Fornos, Silos e outros meios de produção: acerca da implantação das práticas de produção no Neolítico antigo. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds., *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 319-328.

FERNANDES, Rosário (2011) – *Entre a Arrábida e o Alentejo Central: o enquadramento das grutas naturais no contexto da Pré-história*. Évora: Universidade de Évora, 2 vols. (Tese de mestrado, policopiada)

GONÇALVES, Victor (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.

GONÇALVES, Victor (1993) – A Revolução dos Produtos Secundários e a metalurgia do Cobre. J. Medina (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Ediclube, 1, p. 237-241.

GONÇALVES, Victor (2002a) – Duas áreas de inesperado avanço sobre a vida e a morte das antigas sociedades camponesas do Guadiana médio – a mega-operação do Alqueva, um balanço dos blocos 3 e 6 em fins de 2002. *Al-Madan*, IIª série, 11, p. 99-108.

GONÇALVES, Victor (2002b) – Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5-2. Lisboa: IPA, 153-189.

JOHNSON, J.W. (1965) – Sand movement on coastal dunes. *Federal Inter-agency Sedimentation Conference Proceedings*. USDA. Misc. Publ. 970, pp. 747-755.

LEISNER, Georg (1949) – Antas dos Arredores de Évora. *Separata de A Cidade de Évora*. Évora: Câmara Municipal de Évora, 15-16, 17, 18.

LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1951) – A Anta das Cabeças. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, n.s., vol.I.

LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1955) – *Antas nas Herdades da Casa de Bragança no Concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança-Instituto para a Alta Cultura.

- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin, II-2.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1985) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH.
- MOITA, Irisalva (1956) – Subsídios para o estudo do Eneolítico do Alto Alentejo. *O Arqueólogo Português*. III. Lisboa: 135-176.
- MORGADO, Paula; ROCHA, Leonor (2013) – Carta Arqueológica de Monforte. Primeiros dados. *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros (Badajoz). Art. 25. 35 pp.
- NEVES, César; MARTINS, Andrea; ANDRADE, Marco; PINTO, Adelaide; MAGALHÃES, Bruno (2013) – Estratégias de povoamento das comunidades do Neolítico Final e Calcolítico no Vale da Ribeira de Alfundão (Ferreira do Alentejo, Portugal). In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds., *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 361-372.
- NUNES, André; CARVALHO, António Faustino (2013) – O Neolítico médio no Maciço calcário: estado actual dos conhecimentos e perspectivas de investigação futura. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds., *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 329-334.
- OLIVEIRA, Jorge (2006) – *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. [s.l]: Edições Colibri / Universidade de Évora.
- PAÇO, Afonso (1961) – O Castelo do Giraldo e os novos horizontes do Neolítico alentejano. *Boletim da Junta Distrital de Évora*. Évora, 2, p.219-223.
- REIS, Helena (2013) – Paisagens partilhadas? Novos dados sobre o povoamento mesolítico e neolítico antigo na costa sudoeste alentejana. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds., *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 311-318.
- ROCHA, Leonor (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-História Regional*. Setúbal: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, Leonor (2001) – O Povoamento Pré-histórico da área de Pavia. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 4, p. 17-43.
- ROCHA, Leonor (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento policopiada. Lisboa: FLL.
- ROCHA, Leonor (2010) – Arte rupestre e sociedades camponesas. Uma associação sistemática no Alentejo Central (Portugal). *Global Rock Art. Anais do Congresso Internacional de Arte Rupestre*. FUMDHAMENTOS. IX. Piauí: Fundação Museu do Homem Americano. Artigo 103.
- ROCHA, Leonor (2014a) – The contribution of Manuel Heleno to the knowledge of the funerary Megalithic in Alentejo. *Rendering Death: Ideological and Archaeological Narratives from Recent Prehistory (Iberia)*. Ed. By Ana Cruz, Enrique Cerrillo-Cuenca, Primitiva Bueno-Ramírez, João Carlos Caninas, Carlos Batata. BAR International Series 2648, p. 13-22.
- ROCHA, Leonor (2014b) – Entre a vida e a morte: a perenidade dos espaços na Pré-História Recente no Alentejo (Portugal). *III Simposium Internacional de Arte Rupestre de Havana*. Havana, p. 185-198.
- ROCHA, Leonor (2015) – The Funerary Megalithic of Herdade das Murteiras (Évora, Portugal): the (re) use of the spaces. *Death as Archaeology of Transition: Thoughts and Materials Papers from the II International Conference of Transition Archaeology: Death Archaeology, 29th April – 1st May 2013*. Edited by Leonor Rocha, Primitiva Bueno-Ramírez and Gertrudes Branco. BAR International Series 2708, p. 221-230.
- ROCHA, Leonor; ALVIM, Pedro (2015) – Novas e velhas análises da arquitectura megalítica funerária: o caso da Mamoa do Monte dos Condes (Pavia, Mora). *5^o Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa. p. 521-527.
- ROCHA, Leonor; CALADO, Manuel (2006) – *Megalitismo de Mora: nas fronteiras do Alentejo Central*, Lisboa: Apenas Livros, Lda.
- ROCHA, Leonor; FERNANDES, Rosário (2014) – Some possible assessments of the different burial Spaces in the Alentejo and Arrábida in prehistory and protohistory. *Mobility and Transitions in the Holocene*. Ed. By Luiz Oosterbeeck and Cláudia Fidalgo. BAR International Series 2658, p. 59-66.
- ROCHA, Leonor; SANTOS, Ivo; BRANCO, Gertrudes (2013) – *Património(s) de Arraiolos*. Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos.
- ROCHA, Leonor; SANTOS, Ivo (2013) – Contributo para o conhecimento do concelho de Arraiolos: o Projeto LAPA. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds., *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 141-150.
- ROCHA, Leonor; SANTOS, Ivo (2015) – O Neolítico do concelho de Arraiolos: um ponto da situação. *5^o Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa, p. 341-349.
- SILVA, Carlos Tavares (1986) – Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*. Porto: GEAP, 14, p. 59-82.
- SILVA, Carlos Tavares (1989) – Novos dados sobre o Neolítico Antigo do Sul de Portugal. *Arqueologia*. Porto: GEAP, 20, p.24-32.

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina (1981) – *Pré-história da área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina; PENALVA, C. (1986) – Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datações 14C) e paleo-ambientais. *Arqueologia*. Porto: [s.n.]. 14, p. 59-82.

VALERA, António (2013) – Cronologia dos recintos de fossos da Pré-história recente em território português. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds., *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 335 - 3.

PAÇO, Afonso (1953) – *Carta Arqueológica do concelho de Marvão*. Lisboa: Imprensa Nacional.